

Dinamarcante

Por: Marcelo "Ataxexe" Guimarães

Uma história sobre família, perda, resiliência e o quão tenebrosa pode ser a aliança entre escola e prefeitura.

Prefácio

Esta é uma história real, escrita com a clareza emocional da sobrevivência. Não é uma acusação, tampouco um apelo. É um testemunho de como a burocracia pode se tornar uma arma, e como o amor pode se manter intacto mesmo durante os momentos mais angustiantes. As datas e os nomes dos locais foram preservados para honrar a verdade, não incitar vingança. Cada linha transpira o ar da Dinamarca, cada pausa carrega o peso do silêncio e cada angústia retratada esconde uma sensação de impotência que nunca imaginei sentir na vida. Uma experiência que classifico como *dinamarcante*. Seria esta uma palavra boa? Uma palavra ruim? Provavelmente seja o fruto de um paradoxo, em que o alto índice de desenvolvimento humano não explica um sistema frio e calculista, onde qualquer comportamento que ouse destoar da cartilha do sistema pode levar a uma espiral descendente e pôr fim a uma família.

Parte I - A Crise

Capítulo 1: A Viagem

Eu fico reparando nos olhares distantes das pessoas, não consigo deixar de notar. É como se existisse uma barreira entre pais e filhos, uma barreira invisível que os impedissem de se conectar. E isso vai além do aeroporto, é notável fora daqui também. Mas, já que estou aqui sem fazer nada, passo o tempo observando o que tem de orgânico ao redor.

Aeroportos são iguais em essência: nivelam o ser humano por baixo. Os mesmos desprazeres que eu tinha no Aeroporto Internacional de Brasília eu também tenho aqui no Aeroporto de Copenhague. Todos relacionados aos péssimos hábitos dos seres humanos quando estão correndo contra o relógio.

Claro, apesar de corrida em um aeroporto, a vida pode ser muito mais calma aqui na Dinamarca. Em Fevereiro de 2019, quando me mudei com minha família (esposa e dois filhos, um dos quais mal engatinhava ainda), a busca pela paz de espírito era a única coisa que importava. Confesso que é difícil alcançar isso viajando semanalmente como consultor (e deixando a família sozinha em território desconhecido), mas tudo tem seu preço, não é mesmo?

A vida aqui não tem sido fácil. Apesar de pacata, lidamos constantemente com problemas que não deveriam existir aqui. Já começamos pagando propina para conseguir alugar uma casa, e é claro que o dono também aumentou o aluguel pra fazer um belo combo de deixar muito brasileiro com inveja. Conta no banco? Claro que não! Quem iria abrir conta pra um brasileiro

recém-chegado? Por sorte, um colega de trabalho conseguiu convencer um banco de menor porte a abrir uma conta super limitada para que eu pudesse pagar a propina e, eventualmente, receber meu salário.

Acho que eu estava errado sobre os aeroportos. Nada presta aqui na terceira estação solar.

Capítulo 2: O Preço da Paz

As coisas começaram a se ajustar meses depois. Assinei uma lista de espera para alugar uma casa geminada em uma cidadezinha bem tranquila ao norte de Roskilde, e que me levou mais tempo ainda pra aprender a pronunciar o nome: *Jyllinge*. Não fomos contemplados na primeira chamada, mas houve uma série de desistências e acabamos sendo contemplados na segunda leva. A mudança estava programada para Outubro daquele ano, quando as casas seriam entregues.

Descobrimos o motivo das desistências ao inspecionar a casa. Era uma casa muito engraçada. Ninguém podia dormir na rede, porque na casa não tinha parede. Sim, as paredes eram basicamente só externas. Quer ter acesso a um dos quartos anunciados como parte da casa? Fácil! É só pagar e a construtora coloca a parede pra você. Alugamos uma casa com DLC.

E nem a fizeram com muito esmero.

Na verdade, ela foi construída com muita ganância. A casa não vinha com os itens básicos das casas na Dinamarca: lava-louças, lava-roupas, fogão, forno, geladeira, tudo foi comprado por nós, e deveríamos levar conosco para uma

próxima casa, junto com todo o resto que colocarmos na casa. Que modernidade! Bring Your Own Device furou a bolha.

Acabo de ouvir alguém engasgando ali nos assentos ao lado. Pensei ter sido com o cachorro-quente, que é bem tradicional por aqui, mas foi com o idioma mesmo. O idioma dinamarquês é uma barreira constante até para os próprios dinamarqueses. Eu até tentei fazer aula de dinamarquês, mas a escola marcou uma prova pra mim sem me avisar e eu fui reprovado. Acabei perdendo o direito de estudar e o depósito que fiz para ter acesso às aulas.

Pelo menos aqui no aeroporto eles também dão os avisos em inglês. Não ajuda muito quando o aviso é sobre os portões de embarque se abrirem, já que a manada dispara antes mesmo do aviso em dinamarquês terminar. Comecei a ficar esperto e disparava por qualquer barulho não identificável que ouvisse. Acabei me acostumando bem com a vida no aeroporto depois de tantos meses.

Também foi fácil nos acostumarmos com a vida em *Jyllinge*. O complexo residencial fora construído a menos de um quilômetro do centro da cidade, que conta com três mercados e uma loja de itens usados da Cruz Vermelha (uma ONG bem conhecida por lá). A caminhada leve torna desnecessário se deslocar de carro, e a casa era tão pequena que não havia espaço pra estocar coisa alguma.

Mas a estrela do show era a vizinhança. Todo mundo se mudou no mesmo dia, ou seja, foram obrigados a se conhecer. E eram super prestativos também. Dificilmente alguém ficava com um problema por mais de algumas horas sem solução. A ideia da imobiliária era criar uma comunidade onde cada um pudesse

ajudar com alguma habilidade. Havia comitês específicos para diversas categorias, e talvez o do lixo tenha sido o mais complicado de todos. Por pouco não teríamos um container de lixo por cada som de vogal que eles tem no idioma, tal qual é feito nos depósitos de lixo.

Se bem que no depósito era um pouco mais de 40 tipos de containers. O aeroporto tem mais de 50 portões de embarque. Mesmo que não haja um padrão aqui, alguém precisa explicar pros dinamarqueses que tais grandezas não deveriam se aplicar a sons de vogais. Quando alguém me liga, me sinto como um modem realizando conexão discada.

Capítulo 3: Uma Burocracia Sem Alma

Eu não esperava receber uma ligação em português naquele fatídico dia, 25 de Fevereiro de 2025. Eu voltava do mercado e já atravessava a escola dos meus filhos quando o telefone tocou. Uma moça falou comigo em um sotaque de português europeu, quase tão incompreensível quanto o dinamarquês, e se apresentou como tradutora contratada pela prefeitura de Roskilde. Ela disse que minha filha teve um problema na escola e que a prefeitura marcou uma reunião conosco naquele mesmo dia.

Eu achei super estranho. Primeiro, a prefeitura nunca marca nada na informalidade, muito menos via tradutores. Segundo, pra minha filha ter um problema a nível de sensibilizar a prefeitura, deveria ser algo muito sério. Tomei a única atitude sensata: desviei do caminho e fui direto à sala da minha filha conversar com ela.

Chegando lá, ela só me disse "Papai, me desculpe, eu não sei

me expressar." antes de se por a chorar. Eu imediatamente percebi que ia dar merda, e das grandes.

Na Dinamarca, os professores sempre são insistentes em relação aos pais fazerem qualquer coisa que aborreça os filhos. E quando eu digo "qualquer coisa" é realmente qualquer coisa. O menor gesto, palavra ou até mesmo reação que aborreça a criança já é o bastante para que a escola acione a prefeitura contra os pais.

E, ao que parece, foi exatamente isso que aconteceu. A professora da minha filha me disse ter ouvido que minha esposa foi dura com ela. Sim, dura. Na Dinamarca não podemos ser duros com nossos filhos. Na verdade não podemos ser nada com nossos filhos, pois ao menor sinal, o estado nos ataca.

Aos poucos eu consigo compreender a distância entre os pais e filhos aqui. Aqueles olhares distantes, separados por uma barreira estatal intransponível, parecem esconder um sentimento de tristeza pela necessidade de se conformar com o preço de se viver aqui.

E o preço era muito alto! Ao chegarmos na prefeitura, nos informaram que nossos filhos haviam sido levados sob custódia do estado. Exigimos documentação sobre as ações da prefeitura. Negaram tanto a documentação como também nos ameaçaram de nunca mais vermos nossos filhos se pedíssemos ajuda da embaixada ou contratássemos um advogado. Segundo a prefeitura, não tínhamos direito algum.

Não sabia que sequestro era legalizado no país.

Capítulo 4: O Sequestro

De início, nossos filhos foram levados para a casa da professora de dinamarquês da minha filha. Ela foi a responsável por dar queixa na prefeitura, e agora mantinha a custódia dos nossos filhos. Descobrimos depois que isso é ilegal, e que ela também levou uma boa grana da prefeitura por estar com a custódia das crianças.

Na Dinamarca, existe uma atividade econômica ao redor disso. Qualquer um pode se registrar como "família profissional" e receber a custódia de crianças que são removidas dos pais pelo estado a troco de uma gorda ajuda de custo. Descobrimos que a professora orientou minha filha a dizer algumas coisas contra nós, ou eles nunca mais voltariam para casa.

E qual foi a acusação? De início, a prefeitura fez uma releitura da Festa da Boa Vizinhaça e somente repetia "é algo terrível". Também não tínhamos direito de saber qual era a queixa, tampouco de ver nossos filhos uma última vez. A prefeitura tinha ido à escola assim que chegamos para a reunião e já levaram as crianças para, segundo eles, um local seguro. Não sabia que existia eufemismo para cativoiro.

Mas o choque maior foi ver um claro, porém incógnito, sorriso estampado no rosto da assistente social da prefeitura enquanto nos deixava desinformados sobre a situação.

A consultora da família, que nos acompanhava em nome da prefeitura há quase dois anos, estava presente. Durante a reunião, eu mencionei que não era assim que imaginava ser revertido os impostos que eu pagava anualmente. A prefeitura usou essa fala contra a consultora. Disse que ela havia mencionado aquilo, e usou isso para afastá-la do caso, e da família. Aparentemente, a tradutora traduziu a minha fala

como se fosse a fala da consultora.

Dias depois, finalmente conseguimos, com a ajuda de uma assistente social privada, ao menos ter acesso à documentação oficial do caso. A narrativa construída unilateralmente pela prefeitura foi chocante. Aparentemente, nós espancamos diariamente nossos filhos das mais variadas formas. O documento era tão esdrúxulo que até os nossos médicos ficaram horrorizados com a criatividade perversa da prefeitura. Há anos tentávamos ajuda do estado porque nossos dois filhos são autistas e carecem de ajuda especializada. Todas as vezes em que os nossos médicos pediam ajuda, sempre éramos investigados por coisas absurdas, e os casos eram sempre encerrados alegando que éramos bons pais. Quando eu perguntei à sorridente assistente se ela havia lido os outros casos, ela somente me respondeu "não, e não irei ler". Ao menos uma pessoa foi ajudada nisso tudo (apesar de ser a que menos precisava): a professora de dinamarquês da minha filha.

E eis que mais famílias passam pelos portões de embarque. A sensação de não ter direitos parentais é assustadora. Todas essas famílias estão a uma mentira de serem psicologicamente esquartejadas pelo estado. Todos esses olhares se traduzem, pra mim, em uma temerosa sensação de impotência. Já se tornou parte da sociedade. Já está enraizada na cultura.

Parte II - A Guerra

Capítulo 5: A Guerra Psicológica

No começo eu pensava que, se fôssemos nativos, isso não teria acontecido. Ledo engano. Meu colega dinamarquês, aquele que nos ajudou com a conta bancária, tem um filho autista também, e de nível de suporte mais elevado. Ele e sua esposa já ficaram mais de 5 anos tentando ajuda para o filho, e estão constantemente em batalhas com a prefeitura mesmo após terem conseguido uma escola especial para ele. Eu entendo que isso não envolve raça, mas também entendo que estamos em uma posição mais fraca por não termos conhecimento profundo do idioma e do sistema.

Nós temos uma certa habilidade em reconhecer um pouco do idioma. Durante todas as reuniões, a tradutora parecia sintetizar muito o que a prefeitura nos dizia, e o contrário também. Ela quebrou algumas regras da profissão, a mais importante delas: ser neutra. Ela nos disse, no meio da reunião, que tinha seus filhos tomados pelo estado também, e meio que tentou nos orientar frente às ameaças da prefeitura. Quando conseguimos contratar uma assistente social, descobrimos que todas as "orientações" da tradutora foram, para a surpresa de ninguém, as piores possíveis. A assistente também foi capaz de nos ajudar a entender dois pontos cruciais: a tradutora estava, sim, errando na tradução; e a prefeitura estava, também, fazendo um perverso jogo psicológico com a minha esposa.

O ponto-chave no início do processo é o consentimento à remoção das crianças. A prefeitura nos disse, em tom de

ameaça, que caso não consentíssemos com a remoção das crianças, eles o iriam fazer à força e ainda levar o caso à polícia. Disseram que as nossas chances de verem as crianças novamente seria praticamente nula. Do contrário, dar o consentimento iria tornar o caso muito mais simples. No desespero, e depois da orientação desorientada da tradutora, cometemos o erro de dar o consentimento. Isso abriu espaço pra prefeitura fazer o que bem entendesse. Desde criar a narrativa a seu bel-prazer até nos ameaçar das mais variadas formas. Apesar de tudo isso, era obrigatório por lei que eles nos dessem a documentação do caso.

Durante a primeira reunião em que a assistente social contratada participou, pedi para sair da sala e falar em privado com ela. Como a tradutora estava atrapalhando tanto que eu já pensava até em teorias da conspiração, pedi à assistente que falasse por nós em dinamarquês na reunião. Alinhamos o que seria dito e voltei à sala. Enquanto a assistente falava ao telefone o que havíamos combinado, notei uma mudança repentina de expressão no rosto da responsável pelo caso. Ela me disse para não confiar na minha assistente social, e me daria mais alguns minutos pra pensar, saindo da sala em seguida junto com a tradutora. Uma advogada me ligou logo em seguida e se apresentou como colega da assistente social e disse que seria a minha advogada no caso. Também me orientou a não acreditar em nada do que a prefeitura me dissesse, caso contrário as nossas chances seriam mínimas.

Quando as duas retornaram, liguei para a assistente e confirmei que não iríamos mudar o nosso discurso. Não demos o consentimento à remoção das crianças para uma família profissional. O resultado: a prefeitura teria que pagar um advogado para mim, teria a obrigação de me enviar os

documentos do caso e uma audiência deveria ser marcada. Claro que as crianças não iriam voltar. E é claro que a prefeitura iria continuar o jogo sujo.

Como se não bastassem as afrontas, a prefeitura ainda fazia questão de nos dizer que as crianças estavam super bem. Estavam felizes, comendo bem, dormindo bem e se comportando bem. Não era como se a prefeitura quisesse jogar os pais contra os filhos e vice-versa. Estava escancarado que era isso mesmo o que eles queriam. Quando nos mostraram a suposta foto alegre deles, vestidos com as fantasias de carnaval que pedimos para lhes entregar, estava nítido o semblante triste no rostinho de cada um. Ninguém consegue enganar os pais quando se trata de seus filhos.

O impronunciável carnaval Dinamarquês, *Fastelavn*, foi aparentemente o início de todo o pesadelo. Nossa filhota queria uma fantasia de gato, mas a fantasia se esgotou na loja. No dia 4 de Dezembro de 2024, ela nos disse que contou à sua professora de dinamarquês que a mamãe lhe bateu. Segundo minha filha, essa era a sua forma de punição por não termos comprado a fantasia. Ainda segundo ela, sua amiga a motivou a fazer isso, uma vez que era comum os filhos contarem certas coisas aos professores para, então, os pais levarem uma bronca dos supostos defensores da causa infantil.

De acordo com os documentos, a escola prestou queixa à prefeitura ainda no mesmo dia, mas somente no dia 25 de Fevereiro do ano seguinte foi que a prefeitura decidiu agir. O suposto caso super urgente não parecia tão urgente assim. E tudo só piorava porque tínhamos provas concretas e oficiais de que tanto a escola quanto a prefeitura foram negligentes com nossos pedidos de ajuda. Depois de ver minha esposa sem

conseguir caminhar, de levá-la ao hospital psiquiátrico pra conseguir algo pra ela poder dormir em vez de vegetar, eu estava mais do que disposto a ir para a guerra.

Claro que não teria como fazer tudo sozinho. A assistente social foi uma combatente maravilhosa ao nosso lado. Nosso casal angelical dinamarquês, mais uma vez, nos salvou com essa indicação. Desde que chegamos à Dinamarca, eles nos trouxeram alívio. Desde moradia a doações para começarmos a nossa vidinha aqui, até auxílio profissional pra bater de frente com o sistema.

Minha mãe, assim que soube, se materializou aqui em um par de dias, na esperança de ao menos ter a guarda das crianças, algo que é garantido por lei no Brasil, mas que a Dinamarca obra e se locomove. A menos, é claro, que isso tenha consequências financeiras. E esse foi o ponto-chave do nosso contra-ataque: devolver o golpe psicológico de forma econômica.

Com o apoio da assistente, conseguimos remover a guarda da professora. As crianças seriam, então, transferidas para uma dessas tais famílias profissionais. De posse dos dois diagnósticos de autismo, conseguimos forçar a prefeitura a impôr a restrição das crianças estarem juntas e em um lar que tivesse suporte à condição delas. Isso tudo custa dinheiro pro estado. Um dinheiro que iria custear despesas com estrangeiros.

Em paralelo, comecei a juntar todas as provas contra a prefeitura e a escola para enviar à advogada, que montou a defesa com base nessas provas. Enquanto isso, nos preparamos

psicologicamente para o dia da audiência.

Grandes guerras são vencidas por estrategistas. E no nosso caso não seria diferente. Começamos a preparar um pedido de apoio para a embaixada e para o conselho tutelar. A ideia era de apresentar um pedido para que o caso fosse transferido ao conselho tutelar no Brasil, onde seríamos julgados provavelmente por pessoas dotadas de massa encefálica.

Capítulo 6: A Audiência Teatral

E eis que o dia da audiência chega, 6 de Março de 2025. Para a nossa surpresa, a tradutora questionável fora substituída por uma tradutora de verdade. Ao telefone, ela pacientemente relatava frase à frase o que era nos dito e o que dizíamos à toda aquela corte teatral. Pedimos a ela que não traduzisse o que nossa advogada iria dizer, pois já havíamos conversado sobre a defesa.

Existe uma célebre frase, talvez anônima, que diz "a culpa é minha e eu a coloco em quem eu quiser". Isso resume bem a audiência. A prefeitura constatou que foram cometidas quatro falhas severas contra nós, mas ainda assim decidiu por tomar a guarda das crianças.

Ao final da audiência, pude ouvir com clareza a voz da tradutora ao telefone, incrédula. Era uma tradutora diferente. Sua voz era mais calma, porém firme, e aparentava ser mais velha. Ela disse a mim que a prefeitura estava tramando algo, jogando sujo e que eu deveria procurar ajuda o mais depressa possível. A prefeitura estava cometendo crimes graves contra nós. Desligaram na cara dela, mas sua mensagem foi muito

clara.

Um outro sorriso do mesmo projeto de lixo baseado em carbono fora desferido em nossa direção ao sairmos da sala. Tive que conter minha mãe, embora a vontade fosse outra.

Voltamos à sala de confinamento e contamos a terrível notícia aos colegas da Cruz Vermelha da minha esposa. Há mais ou menos um ano ela começou a fazer voluntariado lá. Aprendeu muito bem uma pequena, porém significativa, parte do dinamarquês, e fez boas amizades com idosos tão amáveis que, assim que souberam da trama, não pouparam esforços em nos ajudar. Uma delas foi à prefeitura de ônibus naquele dia, recém-operada dos joelhos. Ficamos sabendo que uma delas também perdeu a guarda no passado, e passou anos sem ao menos saber o paradeiro de seu filho. Outra trabalhou por mais de 40 anos na prefeitura, e jamais havia presenciado um caso tão maléfico quanto o nosso.

Em meio às lágrimas, eu e minha esposa fomos convocados a uma reunião extraordinária. Aparentemente, a presença da minha mãe se provou ser uma saída para que a prefeitura contivesse os gastos com as crianças, já que não era possível a prefeitura desfazer o homérico quiprocó por um simples motivo: contrariando o processo, a prefeitura nos denunciou formalmente à polícia logo no início. E, pra piorar, a testemunha das crianças era, ilegalmente, a professora de dinamarquês. Sim, a mesma que prestou a queixa, teve a guarda temporária, manipulou minha filha, e tem um merecido lugar no inferno junto à hiena defensora dos questionáveis interesses do estado.

De acordo com a prefeitura, as crianças poderiam voltar para

a casa, sob uma irrefutável condição: os pais teriam que se mudar de lá. Ademais, os pais teriam que reunir de cinco a oito pessoas e elaborar um plano de ação, algo que na verdade era responsabilidade da própria prefeitura. Aceitamos todas as condições, e sabíamos que seria muito fácil reunir todas aquelas pessoas. A prefeitura deixou escapar que acreditavam que nós não tínhamos nenhuma rede de apoio na Dinamarca. Isso explicava aquela inversão de responsabilidades.

Ao finalizarmos a reunião, perguntamos o que deveria ser dito às crianças. A resposta foi imbecil o bastante para nos impressionar: deveríamos contar uma verdade adaptada. Sim, usaram exatamente esse termo.

Pensamos em usar o artefato do conselho tutelar, mas conseguimos a informação de que a prefeitura não queria meu pai na Dinamarca, pois acreditavam que ele batia nas crianças. Não é raro que estrangeiros peçam a transferência do caso para seus países de origem, e essa crença da prefeitura pareceu fortalecer um desejo nefasto de manter as crianças na Dinamarca. Quando juntamos essa informação com outra anterior, ficamos muito receosos: a professora de dinamarquês da minha filha nutria um sentimento muito forte por ela. Pedir a transferência do caso poderia colocar tudo a perder, pois a prefeitura poderia negar o pedido e tomar permanentemente a guarda das crianças.

Retornamos à sala, e foi solicitada uma reunião somente com a minha mãe. Como ela iria ficar com as crianças, a prefeitura queria ter a certeza de que ela estaria a par da tarefa. Só se esqueceram de fazer perguntas pertinentes. Ela foi questionada sobre acreditar na minha palavra, em vez da suposta palavra dos meus filhos, questionada sobre nunca ter

vindo à Dinamarca antes, questionada sobre o que iria acontecer caso caísse de uma escada. Se antes eu tinha dúvidas quanto à competência da prefeitura, a esta altura eu já tinha dúvidas se eles sequer sabiam soletrar os próprios nomes.

As crianças saíam do cárcere estatal no dia seguinte, 7 de Março de 2025, no início da tarde. Foi uma sexta-feira muito aguardada, porém corrida. Saímos de casa logo pela manhã, rumo a uma cidadezinha do outro lado do fiorde: *Kirke Hyllinge*. Nossa amiga estava morando em uma casinha lá, e alternava as semanas entre Dinamarca e Suécia. A semana que passaria na Suécia casou com a nossa forçada saída de casa. O dinheiro já estava acabando, e essa solução foi essencial para mantermos ao menos o que sobrou alicerce financeiro.

Capítulo 7: Dois Lares

Assim que as crianças retornaram, minha mãe se deu conta de um fato preocupante: minha filha não tomou um banho sequer. Tanto seu cabelo quanto seu cheiro denunciavam mais de uma semana sem banho. O banho na casa da família profissional era dado com o resto da água que usavam para banhar os filhos legítimos da família. Meu filho tomou um único banho lá. Para piorar a situação, ela relatou que dormia em um colchão no chão, enquanto seu irmão dormia na cama com a senhora nua.

A casa era muito suja, e as pulgas se aproveitaram para deixar diversas marcas na minha filha. Ela também não ia ao banheiro, pois ninguém a ajudava com o trauma que ela tinha de banheiros. Teve uma forte diarreia assim que entrou no banheiro da nossa casa. Ela necessitava urgentemente de um

banho e de um médico.

Para a nossa sorte, no dia anterior, ao fim da tarde, recebemos a visita de uma outra consultora familiar contratada pela prefeitura. Ela era da mesma empresa da anterior, e era encarregada de casos extremos. Foi logo chegando nos intimando a cooperar, caso contrário nunca mais veríamos nossos filhos.

Assim que explicamos a situação, mostramos o nosso lar e os desenhos das crianças, a consultora rapidamente nos disse que iria nos ajudar a resolver esse engano. Era claro em seus olhos e palavras o quanto ela repudiava a atitude da prefeitura. E ela estava lá também no dia seguinte, ao lado da minha mãe, fazendo uma videoconferência com o médico de plantão.

Existe um horário mais adequado para necessitar um médico na Dinamarca, e ele é bem reduzido. Qualquer coisa depois do meio-dia já torna difícil conseguir uma consulta. Após as 17 horas, só lhe resta o plantão da região, onde é praticamente impossível conseguir um médico presencial, seja em casa ou no hospital. As semanas de folga escolar também são difíceis, pois os médicos saem de folga também. Os finais de semana são igualmente tenebrosos. Na verdade, é provável que você nunca consiga atendimento quando realmente precisar. E atendimento não significa tratamento.

Pois bem, ficou constatado que minha filha foi mordida por muitas pulgas e, por falta de ir ao banheiro, teve uma diarreia forte também. Mas tudo isso não era nada de mais para os padrões dinamarqueses. Paracetamol cura, regenera, revigora, tira mal olhado, aumenta o desempenho sexual e

ainda é fácil de pronunciar na farmácia.

Na semana seguinte, minha mãe estava incumbida de levar as crianças à escola. Lancheiras preparadas, caminho traçado, tudo em ordem. Exceto pela professora de dinamarquês. Ela não gostou de ver comida brasileira na lancheira. Disse que não era saudável e ordenou que eles levassem duas lancheiras de comidas dinamarquesas. Claro que ela prestou queixa na prefeitura também.

Eu já sabia que a escola iria tramar com a prefeitura novamente. Então, pedi à minha mãe que tirasse fotos das lancheiras. A cada hora a escola reclamava de algo com a minha mãe, que manteve a calma e se saiu bem nos dias seguintes. Ela teve que lidar com uma criança terrível, com certeza ia se sair bem lidando com aquela professora maluca.

Foi maravilhoso ter a oportunidade de mostrar a foto das lancheiras quando a prefeitura nos acusou de não levar alimento suficiente para as crianças na escola. Pedi a opinião da prefeitura acerca das fotos das lancheiras. Após mudar a expressão facial, a responsável disse que só estava repetindo o que a escola relatou, e que não faria mais aquilo.

Capítulo 8: O Contra-Ataque

No dia 12 de Março, reunimos o pelotão de batalha na prefeitura para o tão aguardado plano de ação. A prefeitura só não contava com uma participação em específico: a embaixada do Brasil. A embaixada estava presente representando os interesses das crianças em nome do conselho tutelar. O representante agiu somente como ouvinte, e falou em inglês. Eu havia mencionado o problema da tradução para a embaixada,

por isso o representante não deixou a prefeitura saber que ele era fluente em dinamarquês.

Foi uma escolha sábia. Ficou mais uma vez claro que a tradutora não estava fazendo seu trabalho, escondendo de nós informações cruciais do caso e temperando à gosto as nossas falas.

O ambiente era praticamente o mesmo, só mudou a responsável pelo caso. Como as crianças foram devolvidas ao lar, o caso mudou de departamento, necessitando de uma nova responsável. Ela não sorria, mas carregava o mesmo viés e parecia que estava em uma incessante corrida para provar que éramos os monstros da narrativa surreal que sua colega tirou do próprio término do trato digestivo. Nem se deu ao trabalho de elaborar o plano de ação, mas não era nada que a nossa assistente social não pudesse resolver. E ela sabia exatamente o que planejar.

Ela bolou um plano a partir do que já tinha visto funcionar com as prefeituras. O plano consistia em visitas assistidas por cada um dos soldados que convocamos. Iríamos ver as crianças, mas sob condições psicologicamente desfavoráveis. Bom, esse é o jogo da prefeitura: ataques psicológicos e financeiros. Ao menor sinal de que os pais não parecem ter psicológico ou financeiro para serem os tutores dos próprios filhos, o estado convida outros pais a assumirem a obrigação. Tudo em nome do bem estar das crianças, eles dizem. Existe até uma prova, *Forældrekompetenceundersøgelse*, abreviada por FKU. Caso os pais não sejam aprovados nela, perdem a guarda. Um dos critérios do exame é justamente fluência no idioma dinamarquês. Eu carinhosamente apelidei o FKU de *Fuck U*. A

prefeitura apelidou o plano de ação de Rede de Segurança.

O plano de visitas controlado pela Rede de Segurança era perfeito para a prefeitura, pois colocava os interesses dela no centro e nos deixava em uma situação vulnerável. Ao menos as crianças estariam a salvo com a avó e a prefeitura continuaria no controle da situação. E isso era o que mais importava naquele momento.

As visitas não foram nada fáceis. A dor da perda se intensificava a cada interação. Os assistentes, embora pessoas próximas, ficavam desconcertados por estarem ali e por terem a obrigação de relatar em pormenores como as visitas se alastravam.

Os dias se passaram em meio às visitas, choros, noites mal dormidas e esperanças que iam e vinham em uma senoide emocional.

Eu teria conseguido suportar as visitas, não fosse por um incidente inesperado: minha filha estava com a boca inflamada. Ela deveria ter ido ao dentista cuidar de um canal que não foi feito corretamente. A prefeitura havia dito que ela não poderia ir ao dentista, pois nós estávamos proibidos de sair de casa com ela. Como a situação escalou, uma combatente foi comigo para levá-la ao dentista após conseguirmos a bênção da prefeitura benevolente. Foi horrível ver a minha pequena gritando de dor, pois deveriam extrair dois pré-molares para conter a inflamação.

Mais horrível ainda foi voltar pra casa sabendo que não poderia ficar com ela. Nossa colega foi, mais uma vez, incrivelmente amável e ficou comigo lá por um par de horas.

Saí quando minha princesa finalmente dormiu no sofá. Completamente derrotado, atravessei o fiorde e retornei à nossa base em *Kirke Hyllinge*. Não sei o que era mais forte, se minha raiva ou minha angústia.

Casais precisam buscar o equilíbrio. Se os dois estão fortes, é bom, mas os dois não podem estar fracos ao mesmo tempo. Minha esposa acabou juntando energia depois de me ver naquela situação. Continuamos com o psicológico equilibrado na nossa frente de ataque, e eu consegui espaço pra me recuperar daquele trauma.

Não consigo imaginar como ela se reergueu daquela forma. Ela havia passado o aniversário ali, longe de casa e dos filhos. Lutando para não precisar de remédios pra dormir. Talvez seja exatamente isso que signifique o "na alegria e na tristeza". É uma questão de equilíbrio. Ela fez com que o equilíbrio se mantivesse. Levantando no momento da minha queda.

Capítulo 9: Sinergia

No dia 19 de Março, estávamos em uma nova reunião junto à prefeitura. O teatro era o mesmo, e as ameaças também. Apesar de eu estar mais quieto e apático, minha esposa estava plena e mais do que preparada para manter o status quo.

Segundo a nova responsável pelo caso, a polícia havia confirmado as agressões. O que soava muito estranho, pois não havia nenhuma informação no nosso registro, tampouco uma comunicação oficial da polícia. Infelizmente toda conversa era distorcida para terminar em alguma frase relacionada à polícia.

Foi aí que a coisa ficou ainda mais maluca: aparentemente, a prefeitura acreditava que nossos filhos não eram autistas, ela acreditava que as crianças adquiriram comportamentos autistas por serem espancados diariamente ao longo de tantos anos. A condição para termos eles de volta era a de que eles não apresentassem mais nenhum comportamento autista. Iriamos retornar ao lar, junto com minha mãe, e as crianças deveriam se transformar conforme as regras da prefeitura, caso contrário, perderíamos a guarda permanentemente. Após uma tensa discussão entre a nossa assistente social e a prefeitura, a questão do autismo saiu pela tangente. Voltamos para a casa ainda naquele dia, sob supervisão, claro! Mas a situação era outra, era dia de alívio, e quem quer que estivesse lá não se sentiria desconfortável, pois veria o fruto da sinergia.

Era o dia da vovó dinamarquesa da minha esposa, como ela mesma dizia ser. Que senhorinha amável! Que abraço revigorante! A Cruz Vermelha nos ajudou em vários pontos durante a nossa estadia, e aquela ajuda veio de uma forma pessoal e amorosa. Na verdade, todos ali presentes tiveram um peso enorme na nossa trajetória e serviram para nos mostrar que, no meio de todo aquele sistema injusto e tendencioso, havia uma população agradável, amigável e disposta a lutar pelo que acreditam ser o correto. No fim das contas, o poder sempre corrompe os fracos.

Juntamente com o nosso regresso, foi iniciado um plano com o departamento de ajuda familiar. Uma equipe de duas psicólogas da prefeitura foi ligada ao caso. Já havíamos passado pelo setor de ajuda familiar da prefeitura, e a psicóloga designada na época foi um anjo. Eu estava confiante de que seríamos auxiliados por pessoas fortes. O departamento familiar da

prefeitura era uma espécie de anexo, funcionava em outro local e tinha uma ligação muito fraca com a prefeitura. Elas não teriam acesso ao caso da mesma forma enviesada com que todos os outros membros da prefeitura tiveram.

A primeira interação foi na nossa casa. A primeira psicóloga chegou e, pra nossa surpresa, ela nos contou que já havia até morado no sul do Brasil por alguns meses. Ela conhecia um pouco da nossa cultura e da comida também. Desnecessário mencionar o quanto ela ficou indignada com a postura da escola frente à alimentação das crianças.

Conforme fomos contando o que aconteceu, e mostrando as evidências, uma lágrima apareceu nos olhos da psicóloga. Ela mal conseguia crer que aquilo estava acontecendo. E ela também pôde observar que um ponto crucial afirmado tanto pela escola como pela prefeitura era mentira: nossos filhos não eram fluentes em dinamarquês.

Muitas das ameaças da prefeitura eram embasadas nas histórias que nossos filhos contavam. O problema é que nossos filhos não se comunicavam muito bem em dinamarquês. Minha filha até conseguia se virar com coisas do cotidiano, mas ela tem dificuldades de comunicação, independente do idioma. Some a isso um idioma formado basicamente por onomatopéias de afogamento e as dificuldades de comunicação ficam extremas. Meu filho só tentava adivinhar o que falavam com ele, e praticamente só respondia "sim".

Ao término da visita, a psicóloga nos disse que iria fazer de tudo para nos ajudar. Ela acreditava que as visitas estavam atrapalhando a normalização do lar. Perfeito! Agora temos

alguém da prefeitura que compartilha do nosso sentimento.

Quando foi a vez da segunda psicóloga nos visitar, as crianças haviam brigado muito e estavam com os nervos à flor da pele. Por um lado foi bom, pois a psicóloga pôde ver que as mudanças na rotina da escola causavam uma reviravolta nelas. Meu filho estava muito mais alterado porque a escola resolveu, sem nos consultar, cancelar suas aulas de educação física em favor de aulas de dinamarquês no mesmo horário. A educação física era a aula que meu filho mais gostava na escola, e ele ficou muito nervoso com a mudança. A psicóloga ficou incrédula, pois a escola não tinha direito de tomar tal atitude unilateralmente.

A cereja no bolo foi quando meu filho pediu pra falar com ela. Ele pegou o tablet, abriu o tradutor e foi falando pausadamente em português:

Quando estou na escola, às vezes me sinto bem, às vezes me sinto triste e às vezes me sinto cansado. Mas eu sempre me sinto mais cansado do que bem ou triste.

A escola afirmava que nossos filhos não comiam e não dormiam. Ela também afirmava que as crianças não tinham sequer uma cama para dormir. Por isso todos que nos visitavam ficavam atônitos. As crianças tinham suas próprias camas, seus próprios quartos e uma casa inteira para espalharem brinquedos e desenhos alegres. Eles, inclusive, dormiam em camas no nosso quarto. Assim eles se sentiam mais protegidos, e nós poderíamos agir rapidamente caso eles precisassem de ajuda, o que era muito comum durante as noites.

Minha esposa buscou uma pasta com vários desenhos. Um dos

desenhos que ela mostrou foi o de quando o guri fez xixi no termostato do banheiro, que ficava em uma estratégica posição ao lado da privada, a meros 15 cm do piso. O desenho mostrava, em passos, como ele fez xixi, como eu fui ao banheiro acalmá-los (pois o termostato pegou fogo), como o super vizinho nos ajudou a isolar o problema, como eu troquei o fusível estourado e como eu fui com a minha filha procurar um novo termostato. O desenho final mostrava todos felizes em casa.

A psicóloga tentou ligar na escola para ouvir deles o motivo de terem cancelado as aulas que meu filho mais gostava. Ninguém atendeu, como de costume. Ela estava muito indignada com o relato dele, pois a escola e a prefeitura eram muito enfáticas quando afirmavam que as crianças não dormiam e, por isso, tinham sono. Meu filho provou que não era uma questão de sono, era de cansaço. Fruto do esgotamento de sua bateria social. Tapioca alguma recarrega essa bateria.

Isso piorou quando cruzamos aquela informação com algumas mensagens que troquei com o diretor da escola. Na Dinamarca, existe um programa escolar chamado SF0, sigla para *Skolefritidsordning*. Nesse programa, a criança passa o dia inteiro na escola, a um elevado custo, claro. É um programa necessário para grande parte das famílias, pois ambos os pais precisam ter um emprego de modo a poder sustentar a casa. A escola sempre me atacou por não colocar meus filhos no programa. A escola mal conseguia lidar com meus filhos durante o dia, o que dirá em tempo integral. Eles também não tem bateria social por tanto tempo assim longe de casa. Ambas as psicólogas concordavam com nosso posicionamento.

Era costume da escola nos atacar por qualquer coisa.

Reclamavam porque eu era o que mais levava e buscava as crianças na escola. Na cabeça da escola, as tarefas deveriam ser divididas igualmente entre pai e mãe. Pro inferno o que a escola pensa! Minha esposa já passava quase todo o tempo disponível com os guris, qual o problema em eu levá-los e buscá-los? As psicólogas também não viam problema algum nisso. Era clara a perseguição da escola. E mais clara ainda era a falta de respeito à nossa cultura. A prefeitura era boa nisso também, nos atacaram dizendo que estávamos dando comida de recém-nascido para as crianças. A comida? Açaí com leite em pó. A primeira psicóloga ficou visivelmente chocada com isso.

Tivemos ótimos momentos com as duas psicólogas. A primeira focava no emocional, enquanto a segunda, no racional. Aproveitamos ao máximo todas as consultas, ora em nossa casa, ora na prefeitura. Aprendemos muito sobre nossos filhos e sobre nós mesmos. Arrisco dizer que era exatamente a ajuda que precisávamos há cinco anos, mas que nos foi oferecida após uma punição sem sentido. Depois do trauma, aquilo estava muito aquém do necessário, infelizmente.

Capítulo 10: A Última Esperança

O dia 27 de Março começou com uma ponta de esperança, mas ela não durou muito. A responsável pelo caso já começou a reunião com sangue nos olhos, disposta a provar que nós não só espancamos nossos filhos como ainda estávamos a fazê-lo todos os dias. A embaixada ainda nos acompanhava nas reuniões, sempre como ouvinte e representando o conselho tutelar. Optamos por ainda não mostrar a carta do conselho que pedia a transferência do caso, mas eu estava disposto a usá-la naquele

dia, a depender do resultado da reunião.

Desta vez, a pseudo tradutora não veio. Para a nossa surpresa, veio a mesma tradutora que estava ao telefone na audiência. Desta vez ela estava de corpo presente, e ainda mais firme. Ela fez um trabalho excepcional. Exigindo que a prefeitura explicasse cada passagem ambígua e subliminar. A responsável pelo caso não parecia nada contente com a situação.

Se a responsável não sorria, ela também não vibrava com as nossas conquistas. Quando nos foi permitido retornar ao lar, todos os presentes vibraram em uníssono. Todos menos ela.

Tão logo ela iniciou a bravata policial, eu rebati dizendo que não houve acusação alguma por parte da polícia. Quando ela me questionou, eu simplesmente respondi seco:

Eu sei porque eu liguei tanto para a polícia como para o meu advogado criminal. O caso está parado e não houve sequer investigação, pois estão à espera de um tradutor para nos acompanhar no interrogatório. Nada será feito enquanto não houver o interrogatório.

Para a minha surpresa, minha esposa se levanta e desfere o golpe final:

E nós gostaríamos que vocês parassem de falar em nome da polícia. Vocês não são a polícia!

Era até engraçado ver a expressão no rosto da depravada enquanto a tradutora fazia seu trabalho. Desta vez, a porrada foi tão forte que ela murchou, pediu desculpas e mudou de assunto. Vibramos por dentro.

Ao final da rodada, chega a vez da psicóloga emocional, que

representava o departamento de ajuda familiar. Ela foi enfática em seus argumentos. Ressaltou que as crianças, ao contrário do relatado, não eram fluentes em dinamarquês. Disse ainda que, se a prefeitura precisava observar a família, ela, então, precisava deixar a família ser uma família. A tal Rede de Segurança não fazia sentido e precisava ser extinta.

Terminada a participação da psicóloga, a responsável pelo caso convocou todos da prefeitura para deliberar. Todos menos a psicóloga. Eu suei frio.

Na prática, somente a psicóloga estava com os olhos na realidade. Ela era a única pessoa forte na prefeitura. Tão forte que não se intimidou quando não a convidaram. Ela simplesmente se levantou e foi junto.

Não consigo lembrar exatamente quanto tempo se passou naquela infinita espera. Já estava pensando em usar a carta, pensando se realmente esse caso se alongaria por mais de um ano, algo normal para casos semelhantes. Quando a prefeitura retornou, a superiora tomou a palavra.

Por conta da criticidade do caso, uma pessoa mais acima na hierarquia também estava envolvida. Ela era bem mais velha, e se mostrava um pouco mais tranquila. Confesso que não me agradava o tom mais alegre dela em alguns momentos. Não havia nada de alegre ali. Pelo menos ela parecia querer desatar os nós. A nossa assistente social colheu bons frutos para nós durante todas as negociações com ela. Era um jogo estratégico, que incrivelmente estávamos jogando muito bem. Enquanto eu organizava as coisas do nosso lado, a assistente trabalhava em estreitar as relações com a prefeitura. Formávamos uma boa dupla, isso era inegável. Pagamos caro

pelos serviços daquela assistente social, mas valeu cada coroa dinamarquesa que saiu da minha conta bancária.

Houve um ponto no processo em que a assistente se afastou um pouco. Custava muito caro ter ela ali o tempo todo, e quando o caso foi aliviado, ela sentiu que poderia trabalhar menos no caso e deixar as coisas rolarem. A nova responsável fez com que ela mudasse de ideia, mas para não tornar as coisas ainda mais puxadas financeiramente para a gente, a assistente se absteve de cobrar as horas trabalhadas. "Vamos fazer de conta que as horas se multiplicaram milagrosamente", disse ela. Eu pagaria somente pelas presenças físicas nas reuniões junto à prefeitura dali em diante.

Outra vibração em quase uníssono tomou conta da sala. A Rede de Segurança foi desfeita, e o caso passou a ser um caso normal na prefeitura, contando somente com o apoio das psicólogas. A nossa chance estava ali. "A partir de agora, nada os impede de irem embora daqui", disse a nossa assistente social. Voltamos para casa. Aliviados e prontos para a próxima fase do nosso plano.

A Páscoa é um evento do tipo *bolas-de-feno-rolando-na-rua*. Tudo para durante a semana inteira. Inclusive a prefeitura.

Compramos passagens para o dia 14 de Maio. Eu levaria a família para o Brasil e retornaria em seguida para resolver as pendências fiscais na Dinamarca. As crianças não faziam ideia do plano. Para elas, iríamos para Portugal passar umas férias e, de lá, a vovó iria embora para o Brasil. Deixamos as malas prontas e seguimos com a vida. Não contamos a ninguém sobre o plano. Apesar de não ter nenhuma barreira legal para sairmos do país, já entendemos que a prefeitura

sempre terá amparo legal, mesmo que seja para agir na ilegalidade.

Somente o casal dinamarquês que nos amparou desde o início ficou sabendo da nossa partida. Despedidas são muito difíceis, mas foi muito bom podermos nos despedir deles em família. Eu voltaria logo em seguida, mas a despedida em família foi reconfortante.

No último dia de aula, minha filha mencionou que estava indo passar uns dias em Portugal. A professora de dinamarquês veio dar um abraço nela. Notamos um semblante bem triste na professora, em um abraço mais apertado do que o normal, e um ímpeto de choro. Penso que ela já sabia que seria a última vez que veria minha filha.

Nunca iremos saber a verdade, mas não se pode negar que havia um sentimento muito forte da parte dela.

Capítulo 11: A Partida e a Partilha

Tudo o que deveria dar certo acabou dando certo na saída do país. Saímos de madrugada, e creio ter sido um momento muito difícil pra minha esposa. Ela não pôde se despedir de mais ninguém. Suas magníficas colegas da Cruz Vermelha, sua fantástica fisioterapeuta, nossos caríssimos amigos brasileiros, a nossa querida consultora familiar (que embora deposta da função logo no início, manteve contato comigo durante todo o processo), os maravilhosos vizinhos, todos os outros que fizeram parte do processo estavam alheios ao nosso plano. Eu logo retornaria para falar com eles, mas ela não. Entramos no carro e fomos rumo ao aeroporto. Estávamos

tensos ainda, mas decididos e comprometidos a ir embora.

Tudo aconteceu da melhor forma possível. Minha mãe remanejou a passagem de volta para o mesmo voo, e as passagens de nós quatro saíram por menos do que a minha passagem de volta pra Dinamarca dias depois. A conexão foi apertadíssima, mas também deu tudo certo. Os guris achavam muito estranho terem que embarcar em Lisboa. Foi aí que contamos a verdade a eles. Eles festejaram!

Um pouco antes do avião decolar rumo à Brasília, recebi uma mensagem oficial no correio eletrônico da Dinamarca, o e-Boks. Era uma mensagem do orfanato da região, me notificando da investigação que seria feita sobre eu ter aptidões parentais. É muito provável que isso tenha sido um redirecionamento do caso na polícia, que acontece quando a queixa não é crítica ou não é amparada por provas concretas. Independente do que seja, caguei. Levava minha família de volta, e ao retornar não teria mais nada que a prefeitura pudesse tirar de mim. Talvez meu ratinho de estimação, mas ele não poderia ir embora comigo.

O regresso não foi fácil. Deixá-los lá, por mais que estivessem em segurança, foi doído. O processo da mudança era simples, mas muito doído também: teria que escolher poucas coisas para encaixotar e enviar ao Brasil. O resto seria abandonado. Conversei com a Cruz Vermelha para que fossem lá em casa assim que eu saísse e pegassem tudo o que pudesse ser doado. Talvez conseguiria vender algumas coisas também. Uma senhora foi lá e colou post-its nos itens que gostaria de comprar. Ela só teria que esperar o início de agosto para ir buscar e me pagar. Como eu era obrigado a pagar aluguel até o

fim de agosto, não vi problema algum.

Encaixotar somente algumas coisas foi muito doloroso. Ver tudo aquilo que conquistamos ficar pra trás não foi fácil. Principalmente porque foi fruto de uma punição desnecessária. Teríamos que recomeçar do zero. Pela segunda vez.

Enquanto organizava a logística, fui à prefeitura para a próxima consulta com a psicóloga do emocional. Conteí absolutamente tudo a ela. Ela me disse que a prefeitura estava bem desnorteada com as minhas atitudes nas reuniões. Eles não sabiam porque eu não me exaltava, porque eu não exigia alguns direitos que tinha e porque eu não estava sendo agressivo como alguns pais eram. Ela ainda me disse que, na primeira visita à nossa casa, foi orientada pela prefeitura a vasculhar tudo. A escola havia informado que nós planejávamos fugir do país e já tínhamos vendido todos os móveis da casa. Ali ela pôde perceber o quanto a escola mentia.

Ela também me disse que agiu para convencer a prefeitura a encerrar o caso naquela reunião. Disse que eu fiz certo em tirar todo mundo do país e, mais uma vez, derramou algumas lágrimas enquanto eu agradecia por tudo o que fez por nós.

Repeti a operação na consulta com a psicóloga do racional. Foi fantástico poder ouvir uma última vez sobre como o meu corpo reage aos estímulos que me fazem mal. Mostrei a ela uma valsinha que compus antes de vender meu violão, e ela foi me perguntando o que eu sentia enquanto ouvia a composição. É impressionante o poder que a escrita tem em nossa mente. Seja ela com palavras, luzes ou sons.

Quanto ao resto da prefeitura, mandei um email avisando que

minha família já não estava mais na Dinamarca, e que não seria mais necessária a reunião na semana seguinte com a escola. Nunca me responderam.

Na escola, fiz questão de agradecer a professora do meu filho. Ela não era especializada com autistas, mas tentava de todas as formas fazer com que a estadia do meu filho fosse boa. A assistente foi excepcional com meu filho, tentando de todas as formas fazê-lo se sentir bem. Uma pena não tê-la encontrado lá.

Parte III - Reflexões

Capítulo 12: O Lado Oculto do Fiorde

Meus filhos tiveram a sorte de sempre terem pessoas boas ao redor. Eles foram a um jardim da infância particular, que era inclusive mais barato que o público. Lá, as educadoras eram super atenciosas com eles, independente de diagnóstico, cultura, língua materna ou comida na lancheira. Meu filho foi para um jardim da infância público depois, e lá sua situação foi terrível. Somente uma educadora o ajudava, e a diretora inclusive fez questão de cobrar pela comida que ele não comia. Ela alegava que, enquanto não saísse o diagnóstico dele, ele seria tratado como uma criança normal. Ele até apanhava normalmente com galhos de árvore de outras crianças. Me lembro que a diretora de uma das escolas me disse no primeiro dia:

Seu filho é uma criança muito amável! Me pergunto o que irá acontecer quando as outras crianças começarem a bater nele.

Já a minha filha tinha ido para uma escola em Roskilde após a prefeitura aplicar uma prova de dinamarquês nela bem debaixo do meu nariz, sem me contar que era uma prova, e sem me contar que a prefeitura não tinha autoridade para obrigar minha filha a estudar em qualquer escola sem o meu consentimento. Era um misto de emoções. Muitas professoras não entendiam as necessidades dela, e a obrigavam a tomar banho com as outras crianças e a participar de brincadeiras que ela não gostava. Um dos professores a acolheu como eu nunca vi na vida. Ele inclusive a acompanhou em seu primeiro dia na escola em Jyllinge, após uma suada transferência. Um

ser humano incrível, um professor de verdade a quem eu desejo o melhor.

De pessoas boas, estávamos rodeados. Infelizmente, bastaram apenas algumas pessoas más na escola e na prefeitura para que tudo o que construímos desmoronasse diante dos nossos olhos. Aqueles dias solitários que se seguiram foram preenchidos com um filme de toda a nossa história ali naquele cantinho pacato que um dia chamamos de lar.

A professora de dinamarquês me escreveu no sistema escolar, Aula. Ela perguntou porque minha filha não foi à escola. Respondi que ela não morava mais na Dinamarca. A professora me pediu para ir à escola, pois ela queria entregar algumas coisas para a minha filha. Respondi que meu endereço continuava o mesmo, e que poderia deixar o que quisesse lá. Nunca me responderam, tampouco deixaram algo na caixa de correio.

Certo dia, fui à Roskilde comprar painéis novos para levar ao Brasil. Já tinha vendido o carro, então fui de ônibus mesmo. Me fez lembrar o início de tudo, em que eu andava pra lá e pra cá de ônibus em busca de uma papinha de banana com o rótulo antigo para o meu filho. Naquela época, ele mordida os lábios para não comer nada. Sua boca sangrava, enquanto eu ouvia ao telefone o médico dizer "continue tentando, não há nada que eu possa fazer".

Os dias se passavam, mas parecia que eu só rebobinava a fita. Não sei ao certo a que horas ia dormir, nem a que horas acordava. Por vezes passava a noite em claro. Não tinha fome e nem queria sair do quarto. Só queria dormir e esperar o dia de ir ao Brasil mais uma vez. Eu ainda teria mais uma viagem

de ida e volta antes de ir embora de vez.

As coisas ficaram claras quando tive que ir a Copenhague. Ao sair de casa, senti um alívio imediato. Percebi que eu estava tal qual um sapo dentro de uma panela de pressão. Ao retornar, decidi que a próxima ida ao Brasil seria a definitiva.

Retornar à Dinamarca iria me custar muito caro, e eu o faria somente para tentar vender o que pudesse da casa. Eu teria somente um mês para isso. Dadas as minhas condições psicológicas e a quantidade de coisas que teria que vender para simplesmente pagar a viagem, decidi que não valeria a pena. Avisei os vizinhos para tirarem o que pudessem da casa.

Como eu bem suspeitava, a imobiliária ordenou que eu removesse a parede. Segundo eles, tudo o que eu coloquei, eu deveria retirar. Após infrutíferas tentativas de negociação, eu disse que a parede foi colocada antes do início do contrato do aluguel, ou seja, ela iria ficar lá. Disse ainda que eu não iria mais morar na Dinamarca, e que se eles não aceitassem a minha saída da casa, eu iria embora de qualquer jeito. Se a imobiliária não aceitar a sua saída, você não pode alugar outro imóvel. Novamente, caguei.

A imobiliária também ordenou que a minha esposa assinasse presencialmente o documento de saída da casa, mesmo ela tendo saído oficialmente do país. Segundo a imobiliária, eles queriam ter certeza de que minha esposa não iria voltar para a Dinamarca e encontrar a casa vazia. Reiterei que ela havia deixado o país com as crianças e que todos eles já não tinham mais documento algum de residência no país, tampouco número de seguro social válido. Claro que não adiantou. Quando foram

além e disseram que todos os que assinam o contrato de aluguel devem assinar a saída, eu perguntei o que eles fazem quando uma das pessoas morre. Após um curto silêncio, disseram que ela poderia assinar e enviar uma foto.

Alugar um imóvel na Dinamarca por si só já é um feito e tanto. Eles podem, por lei, exigir o pagamento de 7 meses de aluguel adiantados:

- Três meses como depósito para consertos e reparos ao final do aluguel.
- Três meses como aviso prévio.
- O primeiro mês do aluguel.

Aqui se paga primeiro para morar depois. E é comum as pessoas financiarem os 7 meses. Assim como também é comum a imobiliária fazer de tudo para não devolver o depósito. Na primeira casa, o dono conseguiu uma nota fria de mais de 30 mil coroas dinamarquesas (aproximadamente 4 mil euros) para pintar cerca de um metro quadrado de parede.

Mas essa imobiliária não ficaria em segundo lugar nas falcatruas. Eles foram além: não cancelaram a cobrança do aluguel assim que eu notifiquei a saída, conforme manda a lei. Ficaram com quatro meses de aluguel para três meses de aviso prévio. Leve três, pague quatro. Tal qual fazem alguns mercados de forma sorrateira. Deve ser cultural.

Por um lado, estava satisfeito em sair de casa. Todo aquele estresse de entregar a casa me deixou mais nervoso ainda. Lidar com os dinamarqueses era até simples, mas só se você não envolver dinheiro. Uma vez forjaram um contrato para

aulas de equitação pros meus filhos e não me falaram. Quando pedi para cancelarem, deveria pagar uma multa de mais ou menos 8 mil coroas dinamarquesas (também conhecidas como mil euros), pois, segundo eles, eu estava cancelando um contrato que assinei. Detalhe: eu só tinha ido lá visitar o sítio.

A nossa consultora familiar, na melhor das intenções, estava pesquisando equitação para as crianças. Ela marcou um dia para irmos lá conhecer o sítio. Saímos de lá com uma aula experimental marcada e um acordo unilateral que nunca foi mencionado. Decidimos que não valeria a pena tanto pelo valor alto das mensalidades quanto pela logística e avisamos que não iríamos para a aula experimental. Foi aí que veio a porrada.

Quando fui mais a fundo, entendi que a prefeitura subsidia os valores. Por isso a logística era daquela forma. Ninguém se preocupa com contratos ou valores se é a prefeitura quem paga tudo no fim das contas.

Mas eu não tinha direito a isso por causa da minha faixa salarial acima da média. Na Dinamarca, a partir de uma certa faixa de imposto de renda, você cai em uma área que chamam de *topskat*. Nessa área, o governo entende que você tem dinheiro o bastante para não precisar dos benefícios. Ele só se esquece de considerar que, depois dos descontos, o seu líquido pode chegar a ser bem menor do que o de um trabalhador com salário médio mais os benefícios a que ele tem direito e você não. Alguém precisa pagar a conta, não é?

Uma escola especial custa em média 400 mil coroas dinamarquesas por criança por ano. Os meus dois filhos iriam

custar ao estado muito mais do que o que o estado arrecada comigo. O processo também envolve alguns custos operacionais, que devem ser pagos pela escola atual das crianças. Como a escola recebe dinheiro por criança matriculada, ela não só perderia o dinheiro das crianças como também teria que arcar com as custas da transferência. É lógico que isso nunca iria acontecer. Principalmente depois que a Dinamarca aprovou uma lei em que escolas normais podem receber crianças que necessitem de escolas especiais, independente de constar nos laudos médicos a necessidade de uma escola especial. Escolas privadas não só carecem de especialistas na área de neurodivergência, como também não são acessíveis para a população que vive apenas de salário.

No fim das contas, a Dinamarca não é pra classe média. Tampouco para neurodivergentes. Uma família de classe média cujos filhos e o pai são autistas não tem um futuro muito promissor ali. Junte a isso o fato de o estado, em colaboração com a prefeitura, ter total direito sobre seus filhos e nenhum tato para lidar com crianças neurodivergentes e não fica difícil mensurar o tamanho da cilada. Mas o fato de eu ter amado esse país me coloca em uma posição delicada.

Capítulo 13: A Distância e o Eco

Alguns dizem que o contrário do amor é o ódio. Na verdade, o contrário do amor é a apatia.

O amor é um motorzinho que te move, seja pra fazer coisas boas ou ruins. Quem não ama não se move, não faz nada, está apático. Talvez nosso maior movimento foi ter cruzado o Atlântico. O amor que temos nos trouxe pra terras geladas, que ficavam aconchegantes com o calor da família. Não foi

fácil, nem de longe. Sacrificamos muito em prol de um futuro melhor pra nós, principalmente para os nossos filhos. Nos mexendo sempre, movidos por esse motorzinho.

Quando lembro da nossa história, só penso em tudo o que fizemos um pelo outro, sempre movidos pelo amor que temos, na esperança de sempre fazer a coisa certa. De uma certa forma, aonde vamos chegar não é mais importante do que chegarmos lá juntos.

Pensar sobre tudo isso só me fazia perceber que a panela já havia pegado pressão há muito mais tempo do que eu imaginava. Por mais que eu ainda sinta um carinho enorme pela Dinamarca, ela, infelizmente, não oferece o que a minha família precisa. Eu precisava ir embora logo. Chequei pela bilionésima vez tudo o que eu iria levar na derradeira viagem e fui me deitar. Aquele dia foi muito triste, pois tinha me despedido de um amigo brasileiro que nos acompanhou por todos aqueles anos. Vê-lo entrar no trem, carregando uma tristeza recíproca no olhar, me deixou muito abalado, mas me sinto muito grato por ter compartilhado bons momentos com ele. Adormeci ao som de Saudosa Maloca, não sem antes lavar os olhos de dentro pra fora.

Logo no início da manhã, tomei café com meu vizinho, que virou um querido amigo com o passar dos anos. Conversamos como sempre, rimos e lamentamos, e nos despedimos com um amigável abraço. Resolvi ficar fora de casa e deixar tudo ali mesmo. Sentei no sofá e fiquei esperando minha carona pro aeroporto. A esposa do meu colega foi me buscar em casa. A mesma que conseguiu a assistente social ímpar, que nos buscou no hotel assim que chegamos, que nos ofereceu a casa enquanto procurávamos uma para alugar, que nos acompanhou no processo

desde o início, que estava lá comigo enquanto eu cuidava da minha filhota no sofá. O colega que me ajudou a abrir uma conta no banco, que me ajudou a alugar a casa, que nos contagiou com o seu carisma e vontade de ver todos ao redor se sentirem bem. Comecei o ciclo na Dinamarca com eles, e encerrei com eles. Os nossos anjos dinamarqueses.

Coloquei as malas no carro e partimos para o aeroporto. Outra sensação de alívio tomou conta do meu corpo. A pressão se esvai. Eu deixava uma vida para trás, mas havia outra à minha espera.

Me despedi no aeroporto e segui em frente. Foi tudo tranquilo. Passei pela segurança e cá estou esperando meu primeiro voo para casa. Passarei novamente por Lisboa, e tenho certeza que vou dormir bem desta vez. Entro no avião e saco o celular da pochete em busca de uma música para ouvir durante o voo. Uma delas me chama a atenção e imediatamente a ponho a tocar. Eu adoro ouvir trilhas sonoras de jogos. E essa tem um significado especial.

Quando viajei pela primeira vez à Dinamarca, meu fone de ouvido tocava essas notas enquanto o avião tocava o solo. É uma música que me faz lembrar dos sonhos que eu tinha.

Hoje, 6 anos depois, deixo esse cantinho amável. Os bons momentos estão ali embalados. Quanto aos maus, deixei-os trancafiados naquele que antes fora meu lar, mas que depois se tornou minha prisão.

Decolo ao som das mesmas notas. Não para me lembrar dos sonhos outrora vividos, nem dos que foram abruptamente sequestrados, mas para me lembrar de que não preciso de asas,

pois ainda tenho muitos outros sonhos para voar.

Olho no relógio e percebo que hoje é Sexta-Feira, 13 de Junho de 2025. Que dia memorável para se acordar de um pesadelo.